

Índice

O Autor e a Obra: 5

A MULTIDÃO CRIMINOSA: 8

APÊNDICE: 9

INTRODUÇÃO: 11

A SOCIOLOGIA E A PSICOLOGIA COLETIVA

CAPÍTULO I: 33

A PSICO-FISIOLOGIA DA MULTIDÃO

CAPÍTULO II: 82

AS MULTIDÕES CRIMINOSAS

CAPÍTULO III: 116

CONCLUSÕES JURÍDICAS

APÊNDICE: 148

O despotismo da maioria e a psicologia coletiva

Notas: 159

O Autor e a Obra

Scipio Sighele, natural de Brescia, nasceu em uma grande família de juristas italianos. Seu pai, magistrado, foi procurador do rei em Palermo nos anos seguintes à Unificação Italiana. Após os estudos secundários, prosseguiu, com o criminalista Enrico Ferri, estudos de direito em companhia de futuros membros da corrente lombrosiana: Guglielmo Ferrero e também Adolfo Zerboglio. Consagrou sua tese de láurea ao fenômeno da cumplicidade.

Mas foi por dois artigos sobre a multidão criminosa publicados em 1891, na revista de Lombroso, o *Archivio di Psichiatria*, que se tornou conhecido. Estes dois artigos reunidos formaram o núcleo de sua obra maior, *La Folla delinquente*, publicada a seguir e que se tornou logo *best-seller* mundial à época. O livro teve em seguida uma tradução francesa, sob o título de *La Foule criminelle*. A obra trata dos fenômenos da associação, do contágio e desmonta os mecanismo em jogo no seio de uma multidão.

Sighele demonstra o irremediável pendor criminal das associações coletivas. Gustave Le Bon inspirou-se em grande medida nestas idéias, sem mencioná-las, para seus próprios trabalhos. Sighele, já célebre, ampliou suas pesquisas no

domínio da psicologia coletiva. Na França, Zola, Durkheim e Nordau utilizaram suas descobertas nos domínios das letras, da sociologia e da política. Sighele publicou na França *La psychologie des sectes* (1895) e novas edições de *La Foule Criminelle* em que tentou emendar sua leitura negativa da multidão.

Lecionou nas universidades de Bruxelas, Roma e Pisa.

Na virada do século, tornou-se militante ativo no Trentino, sua região de origem, então sob dominação austríaca. Pouco a pouco, foi deixando de lado os trabalhos sociológicos para se dedicar integralmente ao jornalismo e aos estudos políticos. Seus últimos trabalhos versaram sobre a questão nacional e o Irridentismo, do qual foi um dos teóricos. Expulso pelos austríacos do Trentino, em razão de seu ativismo, faleceu em Florença em 1913.

O presente título, há muito esgotado, disponível como “livro raro” em alguns sebos online, parece ter sido traduzido de uma das primeiras edições em italiano. Uma edição mais completa, e mais acurada, em francês, está disponível na web no site *Les classiques des sciences sociales* [classiques.uqac.ca].

Não é uma reprodução integral da edição digitalizada. Evidentes erros tipográficos e alguns outros foram corrigidos ou indicados. Serve como um primeiro contato com esta obra essencial,

mas, para referências bibliográficas e uso acadêmico, é altamente recomendável a leitura da tradução francesa, disponível online no endereço acima. Muitos textos que aqui aparecem como notas foram incorporadas pelo autor ao corpo do livro.

Teotonio Simões
Outono de 2006

SCIPIO SIGHELE
A MULTIDÃO CRIMINOSA

Ensaio de Psicologia Coletiva

APÊNDICE

O estudo dos crimes da multidão é interessantíssimo, principalmente numa época em que — desde as greves dos operários até aos motins públicos, — as violências coletivas da plebe não faltam. Parece que quer de tempos a tempos aliviar-se, por um crime, de todos os ressentimentos que as dores e injúrias sofridas acumularam nela.

Acrescentemos que o assunto, ainda que de grande importância social e jurídica, é todavia, novo. A ciência, como os tribunais, nunca pensaram que, às vezes, em lugar de um só indivíduo, o criminoso pudesse ser uma multidão. Quando vemos aparecer perante os tribunais alguns indivíduos, que pôde prender no meio de um tumulto, os juizes crêem ter diante de si homens que, por si próprios, voluntariamente, vieram assentar-se nesses bancos infames; ao passo que não são mais do que alguns náufragos lançados ali pela tempestade psicológica, que os arrastara sem o saberem.

É portanto ainda mais necessário do que interessante estudar o problema da multidão criminosa.

Tentei fazê-lo, embora imperfeitamente. A psicologia coletiva é uma ciência ainda infantil; a

psicologia da multidão de que ela é parte e representa o seu grau mais agudo, mal nasceu agora.

Preenchi, nesta edição, muitas lacunas e corriji vários erros da primeira edição italiana. Sei, no entanto, que apenas lancei os fundamentos de um estudo longo e difícil. Mas ficarei satisfeito com a minha obra, se ela despertar em outros o desejo de fazer melhor e mais do que fiz; — feliz, principalmente, se as conclusões jurídicas, a que chego, forem acolhidas nos Tribunais.

S. S.

INTRODUÇÃO

A SOCIOLOGIA E A PSICOLOGIA COLETIVA

Nos fatos psicológicos, a reunião dos indivíduos não dá um resultado igual à soma de cada um deles.

ENRICO FERRI.

I

“Dêem a um pedreiro — escreve H. Spencer — tijolos bem cozidos, duros, de arestas vivas, e ele poderá construir sem argamassa uma parede bastante sólida, de grande altura. Se, pelo contrário, os tijolos são feitos de má argila, se a sua cozedura foi irregular, se são toscos, fendidos, quebrados, ser-lhe-á impossível construir sem argamassa uma parede igual à primeira em altura e estabilidade. Quando um operário trabalha num arsenal a empilhar balas de artilharia, essas massas esféricas não se acondicionam como se acondicionam tijolos. Há para as pilhas de balas formas definidas: o tetraedro, a pirâmide de base quadrada e o sólido de base retangular terminado por uma aresta. Cada uma destas formas permite obter a simetria

e a estabilidade que são incompatíveis com todas as formas de faces verticais ou muito inclinadas. Se, ainda, em vez de balas esféricas do mesmo volume se tratasse de empilhar calhaus irregulares, meio arredondados e de diferente grossura, força seria renunciar às formas geométricas definidas. O operário só poderá obter um amontoado instável, sem ângulos e sem superfícies regulares.

Aproximando estes fatos e procurando deduzir deles uma verdade geral, vemos que o caráter do agregado está determinado pelos caracteres das unidades que o compõem.

Se passamos destas unidades visíveis e tangíveis às que consideram os físicos e os químicos e que constituem as massas materiais, nós verificamos o mesmo princípio. Para cada um destes pseudo elementos, para cada um dos seus compostos, para cada nova combinação destes compostos, existe uma forma particular de cristalização. Ainda que estes cristais difiram de grandeza, ainda que possamos modificar desbastando os seus ângulos e as suas arestas. o seu tipo de estrutura fica constante, como a clivagem é a prova. Todas as espécies de moléculas têm formas cristalinas particulares, conforme as quais elas agregam. A relação entre a natureza das moléculas e o seu modo de cristalização é de tal modo constante, que, sendo dadas duas espécies de moléculas próximas uma

da outra pelas suas reações químicas, podemos prever com certeza que os seus sistemas de cristalização serão muito aproximados. Em suma, estamos no direito de afirmar sem hesitação, como um resultado demonstrado pela física e pela química, que em todos os fenômenos que apresenta a matéria orgânica, a natureza dos elementos determina certos caracteres nos agregados.

Este princípio verifica-se igualmente nos agregados que encontramos na matéria viva. Na substância de cada espécie de planta ou de animal, há uma tendência para a estrutura dessa planta ou desse animal, tendência constatada até à evidência em que todos os casos em que as condições da persistência da vida são suficientemente simples, e em que os tecidos não têm adquirido uma estrutura muito delicada para se prestar a uma nova acomodação. Nos animais, o exemplo tanta vez citado do pólipo faz ressaltar a verdade. Quando o cortamos em pedaços, cada fragmento é um pólipo dotado da mesma organização e das mesmas faculdades que o animal inteiro. Nas plantas, o exemplo da *begônia* é também frisante: metendo em terra um pedaço de folha, vemos desenvolver-se uma planta completa.

A mesma verdade se manifesta nas sociedades mais ou menos definidas que formam os seres inferiores. Quer essas sociedades não se

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

